

A Conquista da Amazônia Ocidental: uma leitura de *A Epopéia acreana*, de Farias Gama*

Profa. Dra. Luciana Marino do Nascimento (UFAC/UFRJ)¹

Resumo

A Revolução acreana e extrativismo da borracha se entrelaçam como grande feitos na história da Amazônia, de tal modo que motivaram uma série de escritas literárias e historiográficas acerca do Acre. Há, portanto, variadas epopeias cantadas em prosa e verso, após o longo e complexo processo de anexação do Acre ao Brasil: Epopéia Acreana (1919), de Farias Gama; O fim da epopeia (1924), de Craveiro Costa; A Epopéia do Acre (1964), de Sílvio Meira e A Epopéia acreana (1939), de Freitas Nobre. Pretende-se neste trabalho, ressaltar a importância da Epopéia Acreana, de Freitas Gama, tendo em vista ser esta a primeira obra editorada no Acre, publicada sob a forma de folheto, apresentando 6 cantos e um epílogo.

1 Introdução

Ao falarmos o campo semântico Amazônia, nossas referências tendem a conferir um grau de identidade à região no todo, o que se explica pelo longo processo histórico de estabelecimento, de criação e de “invenção da Amazônia” como processo de percepção e apropriações de imagens acerca dessa região, imagens essas imortalizadas pelos relatos dos viajantes, pela literatura e pela mídia. (GONDIM, 1994, p.9).

Dentro de um quadro de heterogeneidade, que é a Amazônia, a leitura mais profícua que se pode fazer dessa região é pela via literária. É nesse sentido, que podemos compreender os passeios literários como mapas textuais da Amazônia.

2 Epopeia Amazônica

Tradicionalmente, a Epopeia constitui um poema épico, cuja narração se dá em torno de acontecimentos históricos de grande relevância para um povo. O *Epos* assim como o foi na Antiguidade de Homero ou Virgílio não é passível de realização na nossa contemporaneidade, considerando que o épico de Homero foi composto para ser cantado, conforme postula Staiger (1997, p. 118) : “a poesia épica no sentido homérico não pode se

* O título deste trabalho dialoga com a obra de Joaquim Craveiro Costa, intitulada *A Conquista do Deserto Ocidental* (1924).

¹ Docente do Departamento de Ciência da Literatura da UFRJ. [lotação provisória]. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq- PQ. Este trabalho foi produzido com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

repetir”. Conforme já afirmamos anteriormente, a epopéia de Homero está relacionada à oralidade, como também à sua configuração histórico-cultural, ou seja, Homero produziu sua obra levando em conta fatores necessários a sociedade da sua época, cantou os costumes e as normas vigentes em seu tempo, não podendo estes, serem aplicados à sociedade moderna.

No que tange à questão da Revolução acreana, nota-se na historiografia oficial uma tendência para interpretar a origem desse movimento como manifestação do sentimento antiimperialista de Plácido de Castro e o patriotismo como mola propulsora, que tende a pregar o “direito de ser brasileiro em território boliviano ocupado por brasileiros.” Há todo um passado heróico criado pela historiografia, o que é reforçado pelas epopéias escritas em torno do Acre, sejam elas: **O fim da epopéia** (1924), de Craveiro Costa; **A epopéia do Acre** (1964), de Sílvio Meira e **A epopéia acreana** (1939), de Freitas Nobre.

Vale ressaltar que a questão do Acre, sua demarcação e sua anexação ao Brasil, se insere num contexto internacional, pelo fato do Acre ser o possuidor de uma grande reserva de látex em seus seringais, produto este essencial, à época, para fins de fabricação de pneus. De fato, o território pertencia à Bolívia e não ao Brasil, se tomarmos por base os mais variados tratados e acordos, desde a *Bula Papal Intercoetera* assinada em 1493, até a cartografia da linha **Cunha-Gomes** em 1898 (não considerando o *Uti Possidetis*). (RANZI, 2008, p. 45-48).

A obra **A Epopéia acreana**, de Farias Gama, tem como temática, a história do Acre, desde a chegada dos nordestinos à sua anexação ao Brasil. Primeira obra publicada no Acre em 1919, sob a forma de folheto de 39 páginas. O libreto representa um achado para o estudo da literatura produzida no Acre, tendo em vista ser obra pioneira, não sendo encontrada no Acre, restando apenas um exemplar na Biblioteca Pública do Amazonas. O único texto sobre **A Epopéia Acreana** foi publicado no Blog Alma Acreana (almaacreana.blogspot.com). Ressaltamos que não foi possível encontrar dados biográficos acerca do autor.

O poemeto, termo utilizado por Gama, apresenta um esquema único de rimas, constante ao longo do poema, sendo que o primeiro verso rima com o terceiro, o segundo com o quarto, e o quinto com o sexto. Todas as estrofes possuem seis versos. O folheto apresenta-se dividido da seguinte forma: **Esborço** – apresentação geral, na qual o autor traça um panorama histórico da Revolução; **Introdução** – apresenta a narrativa da ocupação da Amazônia (VIII estrofes); **Canto I** – apresenta a chegada dos nordestinos no Acre (XI

estrofes); **Canto II** – apresenta a narrativa do confronto entre brasileiros e bolivianos (XII estrofes); **Canto III** – narrativa acerca dos primeiros combates, a rendição dos acreanos, e depois a retomada (XIII estrofes); **Canto IV** – narrativa das batalhas mais ferozes e sangrentas (XIII estrofes); **Canto V** – narrativa dos desdobramentos da Revolta (V estrofes); **Canto VI** – desfecho final da Revolução e a vitória dos acreanos (XVII estrofes); **Epílogo** – cita o assassinato do líder Plácido de Castro (VII estrofes).

Refazendo todo o percurso da história do Acre em versos, com seis cantos e um epílogo, Farias Gama, anterior ao texto poético, abre seu libreto **Epopéia Acreana** com o **Eborço**, no qual apresenta um resumo da história que vai tratar em versos:

Um dia, inimigos de minha altivez, arrojaram-me num cárcere. Foi então que resolvi mais amplamente servir-me desta faculdade, que embora mal, me acompanha desde a infância – o trovar. Rebusquei o motivo. Era a Revolta do Acre. Quis tanger a lira, mas não encontrei-a.

N.F. – Este folheto além de ser a primeira obra literária ideada, escrita e editorada no Acre, foi acabada em 15 dias, ficando por isso cheio de graves incorreções gráficas e literárias. Desculpas. (GAMA, 1919. p. 1)²

Elevando a história do Acre ao caráter de uma epopeia, Farias Gama ilumina o *Epos*, a partir de uma sedimentação da história da conquista desse território localizado na Amazônia Ocidental. Nesse sentido, recorreremos aos estudos de Bakhtin sobre a epopéia. Mikhail Bakhtin em *Questões de literatura e Estética*, afirma ser este um gênero não pertinente ao mundo moderno e contemporâneo. Segundo Bakhtin (2002), a epopeia enquanto um gênero determinado caracteriza-se através de três traços constitutivos: em primeiro lugar, o passado nacional épico, absoluto, serve de objeto da epopeia; em segundo, a lenda nacional atua como fonte da epopeia e em terceiro, o mundo épico é isolado da contemporaneidade, isto é, do tempo de seu autor: “no mundo épico não há lugar para o inacabado, para o que não está resolvido, nem para a problemática. A conclusão absoluta e o seu caráter acabado – eis os traços essenciais do passado épico, axiológico e temporal” (BAKHTIN, 2002, p. 408). Entretanto, cabe ressaltar que o teórico russo nos aponta para a permanência e a presença do *Epos* na nossa contemporaneidade. Neste sentido, vê-se que o gênero épico reside na literatura palimpséstica e se mantém transformado em diversas obras com intenções épicas, nas quais o autor realiza uma

² Foi mantida a grafia original da obra.

pesquisa estética e histórica antes de escrever a obra. Já na introdução, Farias Gama traz para a cena escrita, a lição dos mestres da épica, inscrevendo em seu texto os mestres do passado:

Ai quem dera, tivesse eu de Virgílio
ou do alquebrado e desdilezo Homero,
de um a graça gentil doce idílio
de outro o trovar altiloqüente e austero,
para em versos compor esta Epopeia
dos Brazilios Heroes Nova Ulisseia.
(GAMA, 1919, p.5. Introdução)

As narrativas acerca da Amazônia, a caracterizam em inúmeras obras como “inferno verde” e ao adentrar em seus territórios constituem narrativas que se assemelham a uma epopeia, tendo em vista que na Amazônia se viveu uma verdadeira **batalha da borracha**. A epopeia Amazônia não se restringiu somente às lutas pelo extrativismo da borracha, mas merece destaque o longo e complexo processo de anexação do Acre ao Brasil, tema de *A Epopéia Acreana*, de Farias Gama.

Na Amazônia se vivenciou a chegada dos nordestinos em busca do “ouro negro”, tendo em vista que nas terras onde se localiza o Acre havia imensos seringais, de onde se podia extrair o látex. As terras de fato pertenciam à Bolívia e esta não possuía meios para explorar e colonizar essa faixa de terra e com a omissão da Bolívia, a extração da borracha era feita pelos brasileiros, entretanto, em 1899, a Bolívia arrendou as terras do Acre para o *Bolivian Syndicate*. Farias Gama narra a épica chegada dos nordestinos ao Acre:

I

Do Ceará, do Rio Grande e muitos
estados do Nordeste brasileiros
acossados dos males mais fortuitos,
emigraram aos milhares forasteiros
que assim fugiam do torrão natal
sob o guante da seca, o grande mal.

II

Homens feitos em todos os rigores
da natureza ou do trabalho insano
destemidos audazes peledores,
eil-os em quatro paus transpondo o oceano.

.....
(GAMA, 1919.p.8. canto I. I e II)

De acordo com Craveiro Costa, foi dentro de um contexto de revoltas que surgiu a

figura de Plácido de Castro, como o herói movido por sentimentos patrióticos, tendo como objetivo a luta pela anexação do Acre ao Brasil. Segundo Correa, a campanha do Acre assim se realizou:

Sob a liderança de Plácido de Castro, os seringueiros brasileiros iniciam a nova campanha de retomada do Acre ao atacar e tomar a vila de Xapuri, em 07 de agosto de 1902, para concluí-la em 24 de janeiro de 1903 com a assinatura da carta de rendição da Bolívia após uma ofensiva no Porto do Acre. Três dias depois, em 27 de janeiro de 1903, foi novamente proclamada a República do Acre. (CORREA et al,2010, p. 25.)

A batalha pela Acre é descrita por Farias Gama com contornos quase que exatos, pois segundo o autor, sua intenção era gravar na memória uma história grandiosa de uma luta de um povo que havia escolhido ser brasileiro: “Este o mérito: ter condensado as narrativas dolorosas e sinceras dos veteranos da Epopéia, esquecidos, abandonados, como o livro o será, dois minutos após o olhar indiferente do leitor.”

A escrita de Farias Gama se mostra portadora de uma crítica ao esquecimento daqueles veteranos que lutaram na Revolução acreana e ao alijamento do território, conforme a última estrofe do Canto VI:

Era finda a revolta. Dispersados,
como feras bravias e perseguidas
os chefes foram, por legais soldados,
em breve eram seus feitos esquecidos
que a Pátria vencedora na contenda
a terra abandonou, só vê a renda.

(GAMA, 1919. p. 20)

Resolvida a questão do Acre com a assinatura do Tratado de Petrópolis, entre Brasil e Bolívia em 17 de novembro de 1903, esteve o Barão do Rio Branco à frente das negociações, sendo que a Bolívia entregava o território acreano ao Brasil em troca da futura construção da estrada de ferro Madeira-mamoré, para escoamento da produção, mais a quantia de dois milhões de libras esterlinas. (TOCANTINS, 2001).

O libreto representa um achado para o estudo da literatura produzida no Acre, tendo em vista ser obra pioneira, não sendo encontrado no Acre, restando apenas um exemplar na Biblioteca Pública do Amazonas. O único texto sobre *A Epopéia Acreana*, de Farias Gama foi publicado no Blog Alma Acreana. Ressaltamos que não foi possível encontrar dados biográficos acerca do autor e o presente texto representa um esboço preliminar de

um estudo e de uma reedição da obra a ser elaborada por nós.

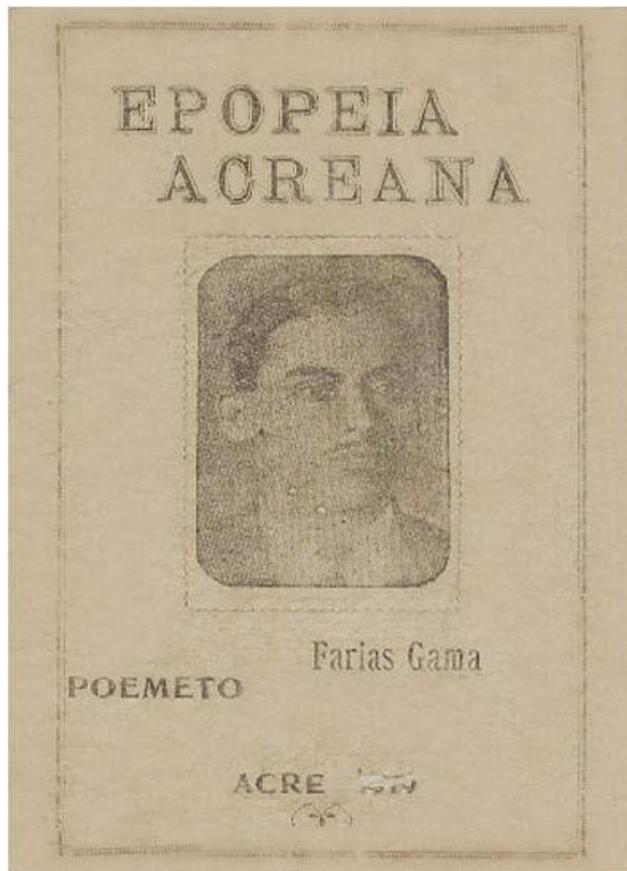


Figura 1. Capa da Epopeia Acreana. Primeiro livro impresso no Acre- 1919 Cópia
Fonte: Biblioteca do Estado do Amazonas

Referências Bibliográficas

BAKTHIN, Mikhail. *Questões de estética e de literatura. A teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. 5 ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2002

CORREA, Ana Karolina Ferreira *et al.* Acre: entre o fuzil e a borracha. *Revista Discente Expressões Geográficas*, nº 06, ano VI, p. 19 – 40. Florianópolis, junho de 2010.
www.geograficas.cfh.ufsc.br. Acesso em 02 /02 /2012.

GAMA, Farias. *Epopeia acreana*. Rio Branco-Acre, 1919. S. n.t. Cópia digitalizada do Libreto. Biblioteca do Estado do Amazonas- Manaus- AM.

RANZI, Cleusa Maria Damo. *Raízes do Acre*. 3 ed. Rio Branco: EDUFAC, 2008.

TOCANTINS, Leandro. *Formação histórica do Acre*. Brasília: Senado Federal, 2001.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

**Anais do XIII
Congresso Internacional da ABRALIC
*Internacionalização do Regional***

**08 a 12 de julho de 2013
UEPB – Campina Grande, PB**

Site Consultado

almaacreana.blogspot.com. Acesso em 01/02/2013.